

Ensino Básico e Professores de escola pública nas revistas do Cemoroc

Chie Hirose¹

Resumo: Por ocasião desta celebração do 20º. aniversário e do No. 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus editores um artigo de retrospectiva de sua área em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo a autora apresenta o Ensino Fundamental e a visão de seus professores em nossas revistas.

Palavras Chave: Revistas Cemoroc. Ensino fundamental. Escola pública.

Abstract: To celebrate this twentieth anniversary of Cemoroc's journals, the publisher has asked editors to write an article summarizing the works in their areas, especially in the latest years. In this article, the author presents studies on elementary school by its teachers.

Keywords: Cemoroc Journals. Elementary school. Public school.

Introdução

Nestas edições comemorativas dos 20 anos das revistas do Cemoroc, estamos revisando nosso trabalho como autores ou *editors* nessas publicações. No presente artigo, contemplo as principais contribuições pessoais e de colegas professoras e professores do Ensino Básico, sobretudo nos últimos anos.

Em primeiro lugar, quero felicitar a direção da Editora pela pioneira atitude de abrir espaço – sobretudo nas revistas *Collatio* e *Convenit Internacional* – para autores que, mesmo não tendo mestrado ou doutorado, têm seu lugar assegurado no diálogo acadêmico, precisamente por se dedicarem integralmente ao Ensino Fundamental. Poucos são os que têm o privilégio de se dedicarem à docência universitária e à pesquisa avançada e, ao mesmo tempo, alfabetizar na escola pública. Agradeço ao Cemoroc por confiar-me, em diversas ocasiões, essa tarefa.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo está, desde 2014, dialogando com os professores no sentido de construir seu currículo com base em “direitos de aprendizagem” e está formulando os documentos “Diálogos interdisciplinares a caminho da autoria: componentes curriculares em debate”.

Pretende-se – entre outros objetivos – descolonizar o currículo, a fim de deslocar o olhar sobre a produção e a validação do conhecimento prioritariamente eurocêntrico, historicamente construído na lógica da colonialidade; olhar esse, que os documentos fazem esforços para superar, instituindo um novo “padrão de dominação e exploração que interliga a conquista de territórios, a formação racial, o controle do trabalho e a produção de conhecimento” (extraído do “Texto coletivo produzido pelos educadores da Rede Municipal de São Paulo, a partir de encontros e debates realizados por DOT-P/DRE e DOT Ensino Fundamental e Médio/SME 2015”).

¹. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

Ante esse promissor panorama, cabe perguntar: em que medida as revistas universitárias, têm efetivamente dado voz aos verdadeiros protagonistas da construção do conhecimento sobre o ensino, não só nem principalmente com depoimentos e relatos (para análise dos especialistas da academia), mas, eles mesmos, os professores do Ensino Fundamental, assumindo a dimensão autoral nas revistas acadêmicas ao lado de doutores ou pós doutores de renomadas universidades.

Esse tem sido o grande diferencial das revistas do Cemoroc. Sua linha editorial inclui autores que constroem conhecimentos inovadores, na “periferia” das salas de aula. Valoriza esse território – frequentemente ignorado pela academia – não como campo de pesquisa ou de coleta de dados, mas, insistamos, em busca da voz autoral de quem, diariamente na sala de aula, constrói o saber e assina suas experiências nessas nossas revistas, trazendo visões e entendimentos distintos.

Aliás esse é também, digamos de passagem (pois não é o objeto deste artigo), o espírito dos inúmeros Seminários e Encontros que o Cemoroc tem promovido com professores da rede pública. Nosso editor chefe sempre participa desses encontros e conhece todos os autores em suas salas de aula... E, alguma vez, chegou mesmo a passar um dia inteiro dando aulas – ao lado dos professores regulares – em diversas salas de nossa escola, até para alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, encantados por terem uma aula “de faculdade”, com o “professor da nossa professora”.



Aula “de faculdade” na EMEFM Vereador Antonio Sampaio – 3º. ano B

Seja-me permitido retomar, a seguir, algumas ideias que expus em Nota Editorial de Convent 14 (<http://hottopos.com/convent14/>), no Dossiê: “Professores da escola Pública e alfabetização”.

Como *editor* o que procurei foi extrair dos próprios atores da linha de frente do ensino fundamental suas experiências, paradigmáticas, que (infelizmente) não

costumam ser apresentadas em eventos das Secretarias de Educação ou, **por eles mesmos**, em publicações científicas. O que é uma pena, pois trata-se de material muito rico, elaborado no árduo âmbito da escola pública e movido fundamentalmente pelo fator “vocação”, que, como ensina o grande filósofo espanhol Julián Marías, é: *“lo que no se puede dejar de hacer”*.

Digo por experiência própria de alguém que, por anos, valeu-se de etnografia para entender as escolas do Japão. Por mais que um pesquisador alheio à escola pública, se envolva e participe em suas investigações, sempre há um limite que não será facilmente transposto: a revelação das experiências mais profundas, pois, como bem sabem os antropólogos: “o xamã não revela seus conhecimentos mais profundos”.

Os que trabalham em escolas públicas sabem que, mesmo tendo o seu cargo garantido por concurso, o espaço onde atuam é uma arena de vários interesses, principalmente políticos. Sabem, que a qualquer momento, a sua prática pode ser diluída ou anulada pelo burocrata de plantão ou por uma nova gestão. Ou ao explicitar a sua prática, ela pode ser desfigurada para fins ideológicos ou até usurpada por estudioso interessado apenas em alavancar sua carreira acadêmica. Os professores, normalmente, são informantes muito colaboradores, entretanto, muitas informações são inatingíveis às pesquisas. Por isso a grande dificuldade e tempo de um trabalho de campo sério no âmbito escolar público.

Também os “xamãs”, professores do ensino fundamental, não revelam seus segredos, a menos que... A menos que eles estejam diante de um aprendiz, no caso não já seu aluno, mas o interlocutor que busca realmente aprender de um “mestre”: como o caso da estagiária, das alunas da faculdade de Pedagogia, ou da entrevista de uma colega de anos, como aqui apresentados.

Mesmo de posse dessa reveladora metodologia, é necessária atenção para as entrelinhas, pois é nelas que se esconde a alma desses educadores...

Assim, pudemos receber de primeira mão as sugestivas experiências de ensino de História em alfabetização do Prof. Juscelino Passos Pereira de Almeida (“Ensinando História no Fundamental I” <http://hottopos.com/convenit14/39-44JuscAnt.pdf>), que com seus alunos de 4º. ano, toma como referência os povos nativos que habitavam nosso país antes da chegada dos portugueses e vamos montando a História com todos os elementos que vão influenciar em nossa cultura.

“Claro, sem deixar de ressaltar a cultura africana que tanto representou para o processo de construção do país, a formação no período colonial, os primeiro e segundo ciclos, as formas de governo e a comparação com os dias de hoje. É tudo isso que norteia o conteúdo e a disciplina, assim como os aspectos econômicos, sociais, políticos do nosso país.”

Juscelino – sem deixar de atuar como promotor da cultura mineira – como professor em um cidade como São Paulo, estrutura seu ensino em dimensão universal:

“As pessoas normalmente não percebem que ser professor na Prefeitura não se restringe aos muros da escola: essas atividades estão em total ligação com o trabalho propriamente escolar. Veja, os alunos quando chegam aqui, são migrantes ou imigrantes, eu tenho aluno argentino, angolano, chinês, então acho que trabalhar com os dados dessas pessoas é encorajá-los a tocar a vida, a buscar o significado de sua cultura para valorizá-lo como ser humano, conscientizando-os de sua importância na

vida e suas raízes como participante da História. Lembrando o nosso educador e poeta Abgar Renault: ‘Viajar, mais que tudo, é retornar’”.



Alunos do Prof. Juscelino em atividade

Para esse mesmo número, a Profa. Raimunda Pereira do Nascimento Marques, professora da rede, mostra que tem uma visão muitíssimo à frente de diversas propostas oficiais sobre alfabetização. Em “Ensinando arranjos florais no Fundamental I” (<http://hottopos.com/convenit14/57-62RaimundaChie.pdf>), diz ela:

Fazer um arranjo floral não é apenas montar flores em um vaso. É lidar com os sentimentos e transformação do indivíduo. *Ikebana* ensina o ser humano a compreender e a respeitar os fundamentos da lei da natureza. Ela também coloca a pessoa em contato com valores que contribuem efetivamente para tornar a vida mais bela, alegre e harmoniosa.



Aluno Isaque (1º ano) e a profª Raimunda

Arranjos florais é um caminho (um *do*, como dizem os orientais) e não é o único. Eu sou especialmente sensível aos valores por ele veiculados e proponho aos colegas fazer esse trabalho com os alunos da sua sala. Para trilhar esse caminho, é necessário perseverança, fazer no mínimo duas vezes por mês. Os depoimentos dos pais são altamente motivadores, indicam mudanças incríveis. Acredito nessa arte porque

antes de praticar com os outros, eu tive a oportunidade de provar. É tão gratificante fazer arranjo floral que a sensação que temos é de uma coisa tão diferente que nem dá para explicar. Realmente é uma “iluminação” interior...



As crianças no refeitório

Houve época em que eu fazia semanalmente a aula de arranjos florais. Até o dono da banca de flores na feira me dava desconto ou embrulhava flores a mais para contribuir com as crianças. As mães colaboravam mandando flores para nossas aulas. Se por algum motivo, em alguma semana parássemos, elas cobravam o retorno das flores.

Muito se tem discutido academicamente sobre o lúdico e a educação. A Profa. Eliana Maria Pito Neves, reflete sobre o tema a partir de sua experiência concreta cotidiana (“Ludicidade na alfabetização”, <http://hottopos.com/convenit14/45-52Eliana.pdf>).



Trabalhando em uma das poucas escolas da PMSP que atendem alunos surdos, a Profa. Claudia Alastruey Muntaner reflete sobre as especificidades de seu trabalho (“Os surdos na Emefm Vereador Antonio Sampaio - um breve relato” <http://hottopos.com/convenit14/53-56Claudia.pdf>).

Já a Profa. Maria Josenita Viana nos conta suas experiências em “Breve diálogo com estudantes de Pedagogia” (<http://hottopos.com/convenit14/63-68Jo.pdf>)

Eu sou professora de História de Ensino Fundamental II que optei por ficar numa mesma escola por mais de 15 anos, trabalhando diretamente com os jovens adolescentes. Muitos deles são oriundos de comunidades que vivem em região de altos índices de insegurança ou são de famílias de trabalhadores migrantes da zona norte da cidade. A minha jornada como professora é trabalhar de manhã nesta escola e à tarde em uma outra escola pública. Nestes últimos tempos, tenho me interessado pela formação dos nossos futuros professores. Numa conversa de corredor com uma colega que leciona numa faculdade de Pedagogia da região da Lapa, expus minha preocupação sobre a formação de professores. Então sugeri a ela um filme para as suas alunas e coloquei o meu desejo de saber o que essas jovens do 1º ano do curso achariam de “O Substituto”.

Também com a Profa. Maria Josenita, protagonizei uma das mais importantes experiências na escola pública. A convite da Profa. Dra. Roseli Fischmann, *editor* do dossiê “Educação e Direitos Humanos” (International Studies on Law and Education No. 22 <http://hottopos.com/isle22>), escrevi “Uma experiência de diálogo Brasil-Japão: alunos e professoras de ensino básico” (<http://hottopos.com/isle22/95-106Chie.pdf>).

Trata-se de uma experiência riquíssima, intercontinental, realizada ao longo de sete anos (naturalmente, sem nenhum apoio institucional...) entre crianças brasileiras, da EMEFM Vereador Antonio Sampaio (Prefeitura Municipal de São Paulo), e seus colegas de escolas do Japão. De 2009 a 2015, a professora Ayumi Massao (Japão) e eu promovemos a comunicação entre alunos de ambas as escolas, discutindo as culturas, paz e direitos humanos.

E é que em 2006 tive o privilégio de conhecer Ayumi Massao, professora de Ensino Fundamental em Osaka, e que tinha sido enviada ao Brasil para lecionar, por três anos, em uma escola japonesa no bairro de Campo Limpo. Instalada no Brasil, teve aulas de piano com minha irmã e, naturalmente, logo fizemos amizade e frequentemente conversávamos e trocávamos impressões sobre nosso ofício.

Em 2009 ela manifestou interesse em conhecer uma escola pública brasileira e logo a levei para o “Vereador”. Tive o cuidado de, antes de apresentar a ela a sala de aula, levá-la para conhecer os condomínios das comunidades populares “Gato” e “Zaki Narchi” (de onde procedem nossos alunos); o que, naturalmente, causou-lhe notável impacto...

O impacto positivo veio logo a seguir, ao ingressar em minha sala de 3º. ano e deparar-se com crianças alegres e ruidosas: “São iguais às crianças do Japão!”.



Em 2010 Ayumi voltou a visitar nossa escola, para despedir-se desses alunos, antes de regressar para o Japão. E experimentou – diz o estereótipo que o japonês é frio e recatado – uma inundação de manifestações de afeto e carinho, potenciadas pela falta de filtros emocionais das crianças: abraços, beijos, choros..., eloquentes sobre a afetividade dessas crianças, mesmo sem entender quase nada de nossa língua.

Em 2011 Ayumi teve a oportunidade de fazer uma breve visita a nosso país e fez questão de dedicar um par de tardes aos meus alunos no Vereador. Aquelas crianças, então já no 2o. ano, reconheceram a professora japonesa e, antes de mais nada, dirigiram a ela perguntas e falas que a tocaram profundamente: “Professora, a senhora estava bem?”, “Onde a senhora estava na hora do tsunami?”, “Eu orei muito pela senhora”, “Sua família ficou bem”, “Nós pensamos muito no seu país”, etc.

Como se pode ver em detalhe no artigo, houve intensa correspondência entre nossos alunos e seus coleguinhas do Japão: inúmeras cartas, trabalhos, painéis etc. elaborados pelas crianças brasileiras e as respectivas respostas das crianças japonesas, criando fortes laços de compreensão e amizade. Claro que em nossas escolas houve inúmeras atividades – de tradução, informação sobre os respectivos países, o tsunami etc. – e uma ocasião ímpar de diálogo e crescimento.





Estas são apenas algumas das matérias de autoria de professores da rede que temos publicado. Muitas outras ainda virão, como por exemplo as que se incluem em Convent Internacional 23, a ser publicada em breve.

Em nome dos colegas autores, reitero os agradecimentos ao Cemoroc, por democratizar esse espaço de excelência.

Recebido para publicação em 17-09-16; aceito em 07-10-16